e-ISSN: 2177-8183

EDUCAÇÃO PERMANENTE NO FORTALECIMENTO DE EQUIPES PARA CONVIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL NO CEARÁ

PERMANENT EDUCATION FOR STRENGTHENING TEAMS IN COMMUNITY SUPPORT SETTINGS: A MULTIPROFESSIONAL EXPERIENCE IN CEARÁ

EDUCACIÓN PERMANENTE EN EL FORTALECIMIENTO DE EQUIPOS PARA LA CONVIVENCIA: EXPERIENCIA MULTIPROFESIONAL EN CEARÁ

Fernanda Vieira Soares
fer.vieira@aluno.uece.br
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Lorena de Oliveira Freitas
lorenao.freitas@aluno.uece.br
Universidade Estadual do Ceará

Andrea Caprara
andrea.caprara@uece.br
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

O presente relato de experiência descreve uma ação formativa multiprofissional voltada aos grupos de convivência, realizada em Maranguape/CE, fundamentada em postulados da teoria da complexidade e princípios das políticas nacionais de educação permanente em saúde e de práticas integrativas e complementares. A proposta buscou integrar teoria e prática, fomentar a interdisciplinaridade e fortalecer equipes para o cuidado a partir de metodologias inovadoras. Foram utilizadas estratégias de imersão, observação participante e registros em diário de bordo. Os resultados apontaram aprendizagens coletivas, ampliação de vínculos profissionais, coesão grupal e valorização do cuidado ao cuidador. Conclui-se que a experiência evidencia o potencial das convivências como dispositivos formativos inovadores no campo da saúde, favorecendo a qualificação profissional e a construção de práticas colaborativas.

e-ISSN: 2177-8183

Palavras-chave: Educação permanente. Formação multiprofissional. Interdisciplinaridade. Grupos de convivência.

ABSTRACT

This experience report describes a multidisciplinary training initiative focused on community groups, carried out in Maranguape, Ceará, based on postulates of complexity theory and principles of national policies for continuing health education and integrative and complementary practices. The proposal sought to integrate theory and practice, foster interdisciplinarity, and strengthen care teams through innovative methodologies. Immersion strategies, participant observation, and logbook recording were used. The results indicated collective learning, expanded professional bonds, group cohesion, and an increased appreciation of caregiver care. The conclusion is that the experience highlights the potential of community groups as innovative training tools in the health field, fostering professional development and the development of collaborative practices.

Keywords: Permanent education; Multiprofessional training; Interdisciplinarity; Community support groups.

RESUMEN

El presente informe describe una acción formativa multiprofesional dirigida a grupos de convivencia, realizada en Maranguape/CE, basada en los postulados de la teoría de la complejidad y los principios de las políticas nacionales de educación permanente en salud y de prácticas integradoras y complementarias. La propuesta buscó integrar la teoría y la práctica, fomentar la interdisciplinariedad y fortalecer los equipos de atención a partir de metodologías innovadoras. Se utilizaron estrategias de inmersión, observación participante y registros en diario de a bordo. Los resultados apuntaron a aprendizajes colectivos, ampliación de vínculos profesionales, cohesión grupal y valorización del cuidado al cuidador. Se concluye que la experiencia evidencia el potencial de las convivencias como dispositivos formativos innovadores en el campo de la salud, favoreciendo la cualificación profesional y la construcción de prácticas colaborativas.

Palabras clave: Educación permanente. Formación multiprofesional. Interdisciplinariedad. Grupos de convivencia.

e-ISSN: 2177-8183

INTRODUÇÃO

A formação de equipes multiprofissionais em saúde exige metodologias que integrem teoria e prática, favorecendo processos de aprendizagem, cooperação e cuidado. Essa concepção se articula com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), ao compreender a formação no binômio aprendizagem/trabalho, no qual se revelam as necessidades práticas do serviço e a problematização do cotidiano (Brasil, 2009). Tal perspectiva também é tratada por Figueiredo *et al.* (2022) à luz da interprofissionalidade e da afetividade como dimensões constitutivas das aquisições coletivas em saúde.

No Ceará, os grupos de convivência têm se consolidado como dispositivos inovadores para promoção da saúde e fortalecimento de vínculos sociais, caracterizando-se por um projeto que visa o cuidado de crianças, adolescentes, jovens e seus familiares no contexto do convívio. Logo, este convívio implica: conviver consigo, com os demais, com o viver, com os lugares e práticas das comunidades e com as experiências que reverberam para a vida (Soares; Pitombeira, 2024).

Estar no grupo amplia recursos subjetivos como saberes localizados e memórias sólidas (Soares; Pitombeira, 2024). Sendo assim, o entendimento dos grupos de convivência é de serem sistemas abertos, dinâmicos e complexos, gerando, de certa forma, ocorrências e propriedade coletivas distintas da soma de contribuições individuais (Costa, 2020).

Nesse cenário, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) reforça o entendimento anterior, propondo abordagens que estimulem o autocuidado, a integralidade e a construção de vínculos

terapêuticos, articulando saberes tradicionais e práticas inovadoras no Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2015).

Entretanto, mesmo diante da consolidação dos grupos de convivência como dispositivos de cuidado, ainda são poucos os estudos, especialmente relatos de experiência, que abordam as práticas formativas interprofissionais nesse campo. Portanto, torna-se relevante estudar abordagens pedagógicas que fortaleçam a interação e troca de diferentes saberes, bem como a reflexão crítica e construção da educação permanente, a exemplo da produção de conhecimento.

A qualificação de profissionais atuantes em convivências ressalta contribuições para o campo da saúde e da educação permanente. Conforme aponta Bondía (2002), estamos em uma sociedade marcada pelo excesso de informações diversas, mas na qual a experiência entendida como aquilo que nos atravessa e nos afeta, torna-se rara. Nesse sentido, os grupos de convivência representam uma aposta alta na experiência compartilhada, que vai além da transmissão de conteúdos e se inscreve no corpo e na vida dos participantes.

Diante do exposto, este relato tem por objetivo compartilhar práticas construídas na imersão formativa multiprofissional, analisar os resultados e discutir as possibilidades de sua replicação em outros contextos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e retrospectivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido em Maranguape, Ceará. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência destaca um fenômeno, caso ou vivência que apresenta potencial de contribuir para discussões teóricas e práticas.

Este relato traz uma das experiências de imersão e aperfeiçoamento de uma equipe multiprofissional, da qual participaram profissionais de saúde e áreas correlatas (psicologia, enfermagem, pedagogia, educação física, nutrição, terapia

integrativa, entre outros), com atividades comunitárias e dirigidas voltadas para os grupos de convivência.

A escolha pelo formato em imersão está ligada ao conceito “lugares de encontro”, ao propor que a Educação Permanente em Saúde (EPS) ocorra em espaços coletivos que reforcem trocas de saberes e afetos, para além de capacitações tradicionais (Figueiredo *et al.*, 2022). Além disso, aposta-se na exposição dos profissionais ao novo e ao desconhecido, favorecendo encontros significativos e a constituição de sentidos coletivos (Bondía, 2002).

Com efeito, o estudo apresenta as práticas propostas, a condução formativa e o modo responsivo do grupo a partir da ótica dos autores. Do mesmo modo, tece reflexões teóricas que venham contribuir com o saber científico e ações formativas similares, ampliar o acesso ao planejamento e preparo do cuidado-formativo (Cianni *et al.*, 2025).

A instituição promotora foi responsável pelo planejamento e organização da formação. Os recursos materiais utilizados foram: canetas, papéis em branco, barbante, quadro branco, pincel para quadro branco, computador, televisão, som, vendas para olhos, bacias para pés, toalhas, sais e ervas, cartões de animais.

A ação formativa, por sua vez, estruturou-se nos moldes de uma imersão/aperfeiçoamento com vistas ao fortalecimento das conexões entre profissionais, assim como da dinâmica funcional da equipe. Enquanto a experiência desenvolveu-se em sintonia com os eixos temáticos que orientam o trabalho a partir da relação consigo, com os outros, com os ambientes e suas práticas e as aprendizagens que reverberam para a vida (Soares; Pitombeira, 2024).

Nessa perspectiva, a programação foi idealizada em ambiente com contato direto com a natureza para propiciar a desconexão da rotina frenética das metrópoles e conexão consigo. As atividades programadas foram direcionadas, multivariadas e comunitárias (Soares; Pitombeira, 2024).

Em relação às temáticas elencadas, estas versaram sobre: atributos e sentido de uma boa equipe de trabalho, o contexto de vida dos integrantes dos grupos de convivências, o impacto desses grupos sobre a vida dos participantes, exposição a riscos e noções de primeiros socorros, o cuidado ao cuidador, exposição dialogada sobre linguagem e comunicação (transmissão continuada de conhecimentos sobre desenvolvimento humano a partir do interesse dos profissionais) e sem perder de vista a perspectiva interdisciplinar aos recursos humanos, fator essencial para realização dos grupos de convivências.

Com isso, os critérios de seleção adotados para a participação foram: (i) profissionais que integravam a equipe multidisciplinar no cuidado de crianças, adolescentes, jovens e familiares na perspectiva da saúde; e (ii) exclusão: profissionais que trabalhavam exclusivamente com atendimentos individuais, conduta não condizente com a proposta dos grupos de convivência.

Foram utilizadas a observação participante e o diário de bordo como técnicas de coleta de dados. A observação participante diz respeito a uma técnica de coleta de dados na qual observador e observados compartilham dos lugares, atividades e ocorrências da experiência proposta (Abib; Hoppen; Junior, 2013).

A outra técnica de coleta de dados, o diário de bordo, destina-se ao registro das percepções, falas, interferências, condutas e ideias que vão surgindo, gradualmente, ao longo da formação. Tais registros possibilitam melhores condições à organização e à análise dos dados (Oliveira; Gerevini; Strohschoen, 2017).

É lícito destacar que este estudo traz a perspectiva dos autores e, por este motivo, não foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Contudo, ainda assim, atentamos às recomendações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, apresentamos a descrição da formação profissional, isto é, a forma como se deu o planejamento e o passo a passo de seu desenvolvimento. Na sequência, tivemos reflexões e interlocuções teóricas.

Planejamento na formação

A formação teve a finalidade de integrar os profissionais e propiciar conhecimento mútuo sobre as potencialidades singulares de cada integrante. A reorganização de condutas nas dimensões intra e intersubjetivas era esperada, assim como adaptações à dinâmica de funcionamento da equipe e da proposta dos grupos de convivência. Nesse sentido, ampliar e reforçar o entendimento sobre o contexto familiar e as demandas do público-alvo atendido em atividades coletivas foram fundamentais.

De acordo com Silva e Bastos (2022), a aprendizagem precisa estar associada à afetividade em suas múltiplas linguagens para favorecer a partilha de conhecimentos teóricos por meio da prática de cuidado e ampliar saberes inerentes às nossas experiências compartilhadas pelo mundo, postulado central aos encontros formativos.

Assim, passamos à verificação e ao agendamento do lugar apropriado para a proposta da imersão, considerando os seguintes pontos: (i) que fosse um local não habitual; (ii) que proporcionasse acomodação coletiva e em maior quantidade de tempo; (iii) que oferecesse ocorrências que aguçassem os sentidos, adaptação pessoal e propiciasse a colaboração entre todos.

Da mesma forma, trouxemos profissionais com conhecimento e experiência voltados às necessidades e aos pedidos da equipe. Nessa partilha,

foram contemplados diálogos prévios sobre o momento que cada um viria a facilitar, explicações sobre a característica do trabalho e da equipe, definição de tempo, materiais e local, escolha dos dias e horários possíveis e os combinados e acordos.

Os comunicados foram compartilhados no grupo de comunicação dos profissionais. Para tanto, utilizamos o aplicativo de Whatsapp, pelo qual trocamos informações e realizamos reuniões que são exclusivas da equipe dos grupos de convivência. Uma lista de confirmação foi elaborada e cada profissional registrou sua presença, conforme o prazo estabelecido para fechar o quantitativo de pessoas. O grupo era composto por 25 profissionais ativos, dos quais 22 profissionais confirmaram presença.

Desenvolvimento da formação

A chegada estava prevista para as 13h00. Os profissionais tinham a responsabilidade sobre o traslado. Ao chegarem, foram encaminhados para as acomodações e, logo em seguida, dirigidos à primeira atividade, realizada no anfiteatro rústico do local, das 14h00 às 17h00, conduzida por profissional da psicologia.

No primeiro momento, abordou-se: "Os atributos e os sentidos de uma boa equipe de trabalho." Ao longo das atividades, foram identificadas fragilidades no trabalho conjunto e nas condutas de comunicação e de suporte entre profissionais. Mesmo considerando padrões de engajamento satisfatórios e ausência de prejuízos na entrega final, constatou-se dificuldades na inserção de novos integrantes, no estabelecimento de novos vínculos e na reorganização do grupo.

O roteiro incluiu: boa tarde com abraço, dinâmica de apresentação pessoal; aquecimento voltado à diversão, aproximação e engajamento, debate sobre definição de trabalho em equipe e fechamento com dinâmica do elogio. Formaram-se quatro subgrupos para reflexões acerca dos pontos positivos e aspectos a

e-ISSN: 2177-8183

melhorar (Quadro 1). Nesse contexto, observou-se que houve a participação efetiva de todos, o que proporcionou bem-estar durante a atividade desenvolvida.

Quadro 1. Sinopse de reflexões obtidas na primeira atividade formativa.

	Pontos positivos	Pontos a melhorar
Subgrupo 01	Entendimento; olhar significativo; cuidado; união; momentos fraternos; lazer; treinamentos; inclusão.	Baixo comprometimento de alguns integrantes; baixa iniciativa; rodízio nas atribuições do encontro; baixo compromisso; prevalência do uso do celular.
Subgrupo 02	Empenho; dedicação; compromisso.	Avaliação após o encontro; incluir um apoio e monitoramento; organizar as refeições (servir primeiro e, depois, se servir).
Subgrupo 03	Alegria; ajuda mútua; acolhida; gostamos e convivemos bem quando estamos juntos.	Apoio no acampamento das crianças; fortalecer parcerias durante o trabalho.
Subgrupo 04	Alta conexão com o ambiente e com os colegas; sintonia coletiva; liderança engajadora.	Ampliar os níveis de respeito pelo novo membro do grupo; aperfeiçoar a acolhida dos novos integrantes; ampliar a percepção da necessidade do silêncio quando alguém estiver falando; diminuir as brincadeiras em momentos de introspecção; avaliação das etapas do encontro; inserir um apoio e monitoramento e organização no momento das refeições.

Fonte: elaborado pelos autores.

Os profissionais tiveram um tempo livre até o horário do jantar, que seria servido às 19h00 no refeitório. Nesse intervalo, houve cumprimentos, conversas, passeios pelo local, brincadeiras no lago e na piscina, um momento de oração, arrumação dos dormitórios, e preparação para noite fria, que foram, naturalmente, vivenciados pelos profissionais.

Notou-se que profissionais que não conseguiram chegar para o primeiro momento (03), precisaram se esforçar um pouco mais para que houvesse integração e para que fossem vistos com bons olhos por todos. O jantar em coletividade também constituiu uma experiência de comum unidade (comunidade ou, ainda, equipe), com o objetivo de fortalecer a convivência profissional.

Após o jantar, seguiu-se um segundo momento formativo: cine pipoca com o filme “Pequena Miss Sunshine”. A escolha do filme se deu pelo enredo que trata da dinâmica relacional de uma família, adversidades, conflitos e suas conexões, cumprindo a tarefa de se reunir para levar a filha, uma criança, para um concurso de beleza, finalizando com um encontro possível e real entre os protagonistas.

A finalidade do momento visou lançar um olhar sensível às diversas configurações de vida do público-alvo que escolhe participar de um grupo de convivências, reforçando a analogia de que cada pessoa é atravessada por múltiplas ocorrências e que as experiências compartilhadas pelo mundo podem ser potencialmente significativas e estruturantes.

A exibição do filme possibilitou a discussão de aspectos positivos e negativos do contexto de vida dos personagens, correlacionar proximidade com a realidade de trabalho e, ainda, estabelecimento de associações com os seguintes conceitos: (i) experiência e a proposta dos grupos de convivência; (ii) sujeito da experiência e os participantes dos grupos de convivências; (iii) o saber da experiência e o saber das convivências (Soares *et al.,* 2024; Bondía, 2002).

Ao final, encerrou-se o momento com o questionamento: “O que fica para mim a partir do dia de hoje?” O cansaço esperado das atividades, somado ao avançar da hora, proporcionou uma boa e coletiva noite de sono.

O terceiro momento formativo iniciou com o café da manhã coletivo no refeitório. Mediante observações, constatou-se que a maioria dos profissionais compreendeu o propósito das práticas compartilhadas como inerentes às convivências e à formação. Alguns, contudo, apresentaram dificuldades em seguir

o movimento e os tempos da equipe. Fez-se necessária uma intervenção mais clara sobre os significados de cada momento formativo, com o esclarecimento de que não seria possível a continuidade sem a integração à dinâmica e propósitos da equipe de trabalho.

Após o café, os profissionais foram conduzidos ao redário para uma exposição dialogada sobre primeiros socorros. A temática é recorrente, considerando que os grupos de convivências envolvem atividades de psicomotricidade, associadas à diversão e às aventuras em diferentes ambientes comunitários.

Apesar de terem sido adotados protocolos prévios, a avaliação clínica do estado de saúde de todos aqueles confirmados em qualquer grupo de convivências, presença de profissional enfermeiro e maleta de primeiros socorros ao longo de todo o encontro, inspeção antecipada dos locais, vivência das atividades pelos profissionais, rastreio de possíveis riscos e identificação de unidades de pronto atendimento, discutiu-se sempre como prestar socorro imediato.

Já o terceiro momento formativo, destinado aos primeiros socorros, foi facilitado por profissional da educação física com experiência em esportes de aventura e contou com a participação dos que compartilharam seus conhecimentos, dúvidas e experiências. Neste dia, discutiram-se dois macrotemas: (1) prevenção de riscos e perigos; (2) definição e conduta profissional frente a: feridas, cortes, queimaduras, pancadas, lesões músculo-esqueléticas, tonturas e desmaios, convulsões, febres, alergias, afogamento, choque elétrico, envenenamento, contato com animais peçonhentos e parada cardiorrespiratória.

Com tal prática, percebeu-se que a recorrência dessas atividades coletivas fortaleceu os vínculos e as práticas colaborativas entre os profissionais da equipe, além de atender a duas finalidades principais: a transmissão do conhecimento, em nível pessoal e profissional, e a consolidação do coletivo para o “cuidar em rede”.

e-ISSN: 2177-8183

Após um breve intervalo, para uma água, um café, ir ao banheiro, fazer uma ligação telefônica e movimentar o corpo, iniciou-se o quarto momento formativo. Os profissionais demonstraram satisfação, como sentimento de felicidade, leveza, aprendizados, afetos e apoio mútuo.

Diante desse cenário, pode-se dizer que a formação colocou os profissionais na posição de recebimento de cuidados em função de sermos seres humanos e de termos uma história de vida, de faltas, dores, medos e conflitos. Um "cuidado ao cuidador" que se traduz em acolhimentos capazes de alimentar e formar uma reserva emocional, permitindo que os profissionais sigam oferecendo cuidado. Este momento foi facilitado por um pedagogo e um terapeuta integrativo.

Em meio às atividades desenvolvidas, destacamos que a vivência de aquecimento ampliou a solidariedade entre profissionais e fortaleceu a sinergia do grupo, com expressão dos sentimentos individuais (ruim que retira de si e o bom que leva consigo). Nesse ínterim, movimentos de roda foram trazidos para a consciência do movimento do todo e da sincronicidade entre os profissionais.

Sendo assim, a dinâmica de interiorização visou acessar o conhecimento de si. Respostas livres e espontâneas foram provocadas nas duplas de trabalho que também puderam viver proteção, estima, reflexão, apoio, zelo, e a importância de cada um. A dinâmica do abraço grupal promoveu maior integração, reconhecimento e pertencimento a este coletivo. Para este momento, utilizou-se a música "Tudo Respira", de André Parisi.

Como parte de cuidar dos cuidadores, pedimos para que utilizassem as vendas nos olhos para um tempo de escalda pés e relaxamento. Uma meditação guiada explorou o conhecimento simbólico dos pés, a caminhada pessoal, o ato de lavar e a conexão com as sensações (temperatura e cheiro das ervas). Oportunizou-se, assim, uma pausa para contato consigo. Os profissionais foram orientados a secar os pés e utilizar a água para regar as plantas do jardim, movimento de ressignificação e de retroalimentação sistêmica. Cada profissional

recebeu um sachê de escalda-pés de camomila, cidreira e cristais de sal amarelo. Neste encontro, utilizou-se a música: “Só o bem”, de Egnalda Rocha e Claudiana Silva.

Por fim, foram dispostos em círculo os profissionais e cartazes com imagens de animais em pares. A dinâmica buscou suscitar vínculos e ampliar a rede de apoio, a partir da identificação com hábitos e habilidades dos animais. Tal momento trouxe formação de pares de profissionais por semelhanças e a denominação de um significado mobilizado a partir da imagem do animal. Este significado deveria ser levado a uma reflexão mais aprofundada por cada um. Feito isso, fechamos o momento com os agradecimentos, com os sentimentos e sensações despertados, organizando o lugar, uma fotografia final e a liberação para o almoço que permanece sendo uma proposta coletiva e conjunta.

Como se vê, evidenciou-se o quanto é mobilizador e necessário o cuidado ao cuidador. Essa prática reforça a importância de todos os pertencentes ao movimento grupal, refletindo sobre colocar-se no lugar do outro, tanto nas dificuldades que vivenciam quanto no bem-estar trazido por gestos de cuidado e afeto. Assim, compreende-se que promover saúde passa também por uma formação humana e solidária para e entre profissionais.

O quinto momento da formação profissional cumpriu um objetivo de discutir as dimensões do desenvolvimento humano, conduzido pelo coordenador do encontro, perdurando por todo o período da tarde. Esse momento, destinado também à transmissão de conhecimento, surgiu a partir do anseio dos profissionais em entender melhor situações em que envolvem crianças, adolescentes e jovens com alterações, dificuldades, síndromes e transtornos mentais que participam dos grupos de convivência. Durante a realização da atividade, registrou-se o interesse, as dúvidas, exemplificações, questionamentos e intenções de colaborar.

Após as discussões teóricas sobre atenção, memória e desenvolvimento dos processos cognitivos, desta vez, o foco foi a linguagem e a comunicação

e-ISSN: 2177-8183

humanas. Na ocasião, destacaram os conceitos relacionados à linguagem, à comunicação e à interação entre humanos, bem como os processos neuropsicológicos da linguagem e a integração dos sentidos, finalizando, portanto, com uma reflexão com base em quatro questionamentos: (1) O que você descobriu sobre linguagem que ainda não sabia?; (2) Quais relações podemos estabelecer entre linguagem e os grupos de convivências?; (3) Em que podemos nos aperfeiçoar para estar com o outro?; (4) Você está sendo fator de soma na vida daqueles com quem você trabalha?

Dito isso, encerramos a formação em círculo e com os agradecimentos acerca da presença e participação de todos, reforçando o entendimento de que a formação é, ao mesmo tempo, um cuidado e um investimento no profissional. Logo, acreditamos que os processos de promoção da saúde aos quais somos chamados a executar precisam passar, primeiro, pelos profissionais. Em outras palavras, acessar, perceber, conhecer, sentir, expressar, por exemplo, são vivências e condições para viabilizar o processo do outro e, ainda, fortalecer o suporte em rede que caracteriza a ação de uma equipe de trabalho em convivência.

Reflexões e Interlocuções teóricas

O planejamento da formação buscou integrar os profissionais, reconhecendo suas singularidades no contexto do contato com a natureza. A organização prévia das atividades aconteceu por meio de um grupo de WhatsApp. A PNEPS reconhece que os processos formativos podem e devem acontecer em múltiplos espaços, enriquecendo os moldes tradicionais (Brasil, 2009).

A formação foi desenvolvida em cinco momentos distintos: (1) atributos da equipe; (2) cine-debate; (3) primeiros socorros; (4) cuidado ao cuidador; (5) desenvolvimento humano exposição sobre linguagem.

CC BY

Ao se colocarem como sujeitos da experiência, os profissionais puderam ressignificar o cuidado de modo relacional e afetivo para além do técnico (Bondía, 2002). As reflexões coletivas foram organizadas em quadros com pontos positivos e aspectos a melhorar. O diálogo com a literatura sustentou a análise dos ganhos e desafios (Cianni *et al*., 2025; Silva; Bastos, 2022).

Desse modo, os dados a respeito da formação foram apresentados em duas dimensões: planejamento (que antecede, idealiza e prepara o encontro) e desenvolvimento (a realização em si). Este último contemplou as cinco etapas vividas pelos participantes, cada qual trazendo necessidades percebidas, finalidades específicas e retornos obtidos na ocasião.

Ademais, a imersão e as atividades propostas trazem coincidências de parte dos processos vividos pelos profissionais e os fenômenos que emergem dentro das convivências. Ou seja, este reconhecimento de si no outro desencadeia, mutuamente, conexões multidirecionais e síncronas, fortalecendo sentidos de pertencimento ao grupo, aos lugares e as práticas desses lugares (Costa, 2020).

Os resultados obtidos trazem a compreensão da EPS enquanto prática capaz de transformar condutas profissionais particularizadas para modos coletivos e colaborativos de cuidado (Figueiredo *et al.*, 2022). Da mesma forma, visa ao entendimento da integralidade do cuidado ao articular dimensões física, emocional, social, cultural, direcionando-as à corresponsabilidade e à cidadania na produção da saúde, do cuidado (Brasil, 2015).

Como propulsores do processo grupal, os profissionais atuaram em lógica horizontal e colaborativa, potencializando a autoestima, vínculos e inclusão. Logo, cabe evidenciar o fato de que a diversidade enriquece os grupos e favorece a humanização. A experiência formativa, então, demonstrou que a aprendizagem pode emergir do cotidiano e assumir um caráter transformador pela vivência. Além disso, a auto-organização gerada criou padrões coletivos baseados nas interações locais e intersubjetivas, precisando ainda de continuidade para seu fortalecimento,

construção daquilo que é novo, assim como desencadear mudanças estruturais e operacionais (Soares; Pitombeira, 2024; Costa, 2020; Brasil, 2009; Bondía, 2002).

Agora, no que tange ao cuidado ao cuidador, ao considerar o profissional como pessoa, enfatizamos a condição humana e o colocamos no lugar de quem ele cuida, ressaltando a centralidade no acolhimento: escutar necessidades e demandas, criar alternativas de alívio e resolução, seja por compensação, substituição ou reparação. A sobrecarga sobre o cuidar é diluída no cuidado compartilhado quando há uma rede de suporte interprofissional horizontal e complementar. Com isso, é possível cuidar e continuar cuidando, pois esse lugar é também um cuidado que se volta em benefício àquele que vai cuidar (Konzen *et al.*, 2003).

Destaca-se, portanto, o entendimento do cuidado ampliado, do cuidado ao cuidador, em que o compartilhamento entre profissionais fortalece a interprofissionalidade e a posição colaborativa, caracterizando a rede de apoio, interlocução e interdependência dos papeis ao cuidar, ou melhor, sendo o autocuidado como postulado para cuidar do outro (Brasil, 2008; Konzen *et al.*, 2003).

De forma conceitual, vimos que todas as etapas da formação forneceram subsídios ao próprio grupo na medida em que tal dinâmica, naturalmente, retroalimenta o sistema com ajuste de práticas e proximidade interpessoal (Costa, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita demonstra caráter replicável e inovador, reverberando em pertencimento, autonomia e superação nos grupos de convivência. A formação multiprofissional expressa o que Bondía (2002) denomina de saber da experiência, isto é, um saber singular e transformador, que transcende a lógica da informação ao

CC BY

se constituir na relação entre conhecimento e vida concreta. Ao articular educação permanente, inovação e cuidado coletivo, automaticamente dialoga com as PNPICs e, assim, materializa os princípios da PNEPS, consolidando equipes interprofissionais e inovadoras no SUS.

Com este trabalho, evidenciou-se que investir em vivências formativas com foco no cuidado ao cuidador amplia competências individuais e coletivas, fortalece vínculos e ressignifica o cuidado em saúde, tanto ao usuário quanto ao profissional. A metodologia de imersão mostrou-se resolutiva e potente, favorecendo a integração, a reflexão crítica e a cooperação interdisciplinar.

Recomenda-se, portanto, a replicação da abordagem de imersão em diferentes contextos institucionais, bem como o desenvolvimento de pesquisas futuras que aprofundem seus impactos na formação e na atuação profissional em saúde.

Submetido em novembro 2025

Avaliado em novembro 2025

Publicado em dezembro 2025

REFERÊNCIAS

ABIB, Gustavo; HOPPEN, Norberto; JUNIOR, Paulo Hayashi. Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde). ISBN 978-85-334-1596-6.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica**. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS.** 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde; Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Guia prático do cuidador**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). ISBN 978-85-334-1472-3.

CIANNI, Juliana Marques *et al*. A formação e qualificação dos profissionais de saúde: desafios e perspectivas para um atendimento de qualidade. **RevistaFT**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 142, jan. 2025.

COSTA, Fernando Nogueira da. **Pensamento Sistêmico sobre Complexidade**. Campinas, SP: Blog Cultura & Cidadania, 2020.

FIGUEIREDO, Eluana Borges Leitão de *et al*. Educação permanente em saúde: uma política interprofissional e afetiva.**Saúde em Debate**, v. 26, n. 135, p. 1164-1173, 2022.

KONZEN, Adelaine *et al*. Cuidando de quem cuida: **manual para quem cuida de uma pessoa que precisa de cuidados permanentes.** Porto Alegre: Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição, 2003.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, Aldeni Melo de; GEREVINI, Alessandra Mocellin; STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. Diário de bordo: Uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da Alfabetização Científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, 2017.

SILVA, Dineuza Neves da; BASTOS, Luciete. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem: contributos da teoria de Henri Wallon. **Debates em Educação**, Maceió, v. 14, n. Especial, p. 605-620, 2022.

SOARES, Fernanda Vieira; PITOMBEIRA, Mardênia Gomes Vasconcelos. **Guia multiprofissional sobre grupos de convivência com adolescentes.** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2024.